FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
(Serviço de Belas Artes)
BRIGADA DE ESTUDOS DE AZULEJARIA

A QUINTA DAS BICAS, OS SEUS AZULEJOS E O DR. JOÃO CABRAL DE MELO

POR

J. M. CORTE REAL E AMARAL

LISBOA
1963

A QUINTA DAS BICAS, OS SEUS AZULEJOS E O DR. JOÃO CABRAL DE MELO

O TEXTO DO PRESENTE ESTUDO DESTINOU-SE AO LIVRO *AZULEJARIA PORTUGUESA NOS AÇORES E NA MADEIRA*, 1.º VOLUME DO «CORPUS» DA AZULEJARIA PORTUGUESA E FOI PUBLICADO PELA PRIMEIIRA VEZ EM ANGRA DO HEROÍSMO (NO JORNAL «A UNIÃO», DE 4/IV/1963) POR OCASIÃO DA II SEMANA DE ESTUDOS DO INSTITUTO AÇORIANO DE CULTURA

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
(Serviço de Belas Artes)
BRIGADA DE ESTUDOS DE AZULEJARIA

A QUINTA DAS BICAS, OS SEUS AZULEJOS E O DR. JOÃO CABRAL DE MELO

POR

J. M. CORTE REAL E AMARAL

LISBOA
1963

Esta quinta, sita nos subúrbios da cidade de Angra, propriedade actual do sr. Basílio Mendes Simões, pertenceu na segunda metade do século XVIII e primeiras décadas do século XIX, ao dr. João Cabral de Melo, que ali residiu, muito a embelezando mercê do seu alto espírito de poeta e de homem de superior ilustração e bom gosto, como o prova até o belo e expressivo painel de azulejos com inscrições, que ainda ali se mantêm, embora incompletas [1].

O dr. João Cabral de Melo (1740-1824), que pelo seu talento foi uma das mais destacadas figuras do seu tempo, era bacharel formado em Leis — em 1771 — pela Universidade de Coimbra, tendo exercido em Angra as funções de escrivão da Junta Real da Fazenda, e, depois de aposentado desse cargo, praticado a advocacia.

O tão notável capitão-general dos Açores, Dinis Gregório de Melo Castro e Mendonça, que desempenhou as suas funções de 1776 a 1793, isto é, durante 17 anos, não sendo, apesar dos seus altos méritos militares, homem de letras, chamou para junto de si o dr. João Cabral de Melo, já então muito conhecido pela sua invulgar ilustração, confiando-lhe o encargo de minutar

[1] Vide Apêndice I.

a correspondência do Governo, tendo sido tão estreitas as suas relações de amizade que se tornaram compadres.

O dr. Cabral de Melo, além de escritor e poeta de grandes méritos, era versado em línguas estrangeiras, tais como o grego, o inglês, o italiano e o alemão, mas mais familiares lhe eram ainda o latim e o francês, línguas estas em que até muito versejou. Grande foi a sua actividade como poeta, prosador, genealogista e tradutor; todavia, sobretudo por falta de imprensa — que só entrou na ilha Terceira em 1829 — e incúria dos seus herdeiros, quase todos os seus trabalhos literários manuscritos desapareceram. Só escaparam algumas produções originais e traduções que a Imprensa periódica local, nos seus primitivos tempos, publicou, e as que foram reproduzidas pelo historiador Francisco Ferreira Drumond nos seus *Anais da Ilha Terceira*, reconhecendo-se por elas os altos méritos do seu autor — influenciado pelo arcadismo ou post-classicismo da época.

Na Biblioteca Pública de Évora, encontra-se uma obra poética, autógrafa, deste notável terceirense, assim intitulada:

> «*BELISA — Écloga composta e dedicada ao Ex.*^{mo} *e Rev.*^{mo} *Sr. D. Fr. Manuel do Cenáculo, Bispo de Beja, do Concelho de S. M. F., Mestre e Confessor do Sereníssimo Príncipe da Beira, Presidente da Real Mesa Censória* — por João Cabral de Melo, Bacharel formado pela Universidade de Coimbra.»

Esta obra, constituída por 32 páginas, tem no Prólogo a data de 28 de Setembro de 1773.

Entre outros trabalhos literários sobressai a tradução do poema em 10 cantos, o *Paraíso Restaurado*, de João Milton — versão do inglês, com notas, do ano de 1796, cujo manuscrito pertenceu à Biblioteca do Liceu de Angra, ignorando-se porém, de há muito, qual o destino que teve tal trabalho, considerado como precioso.

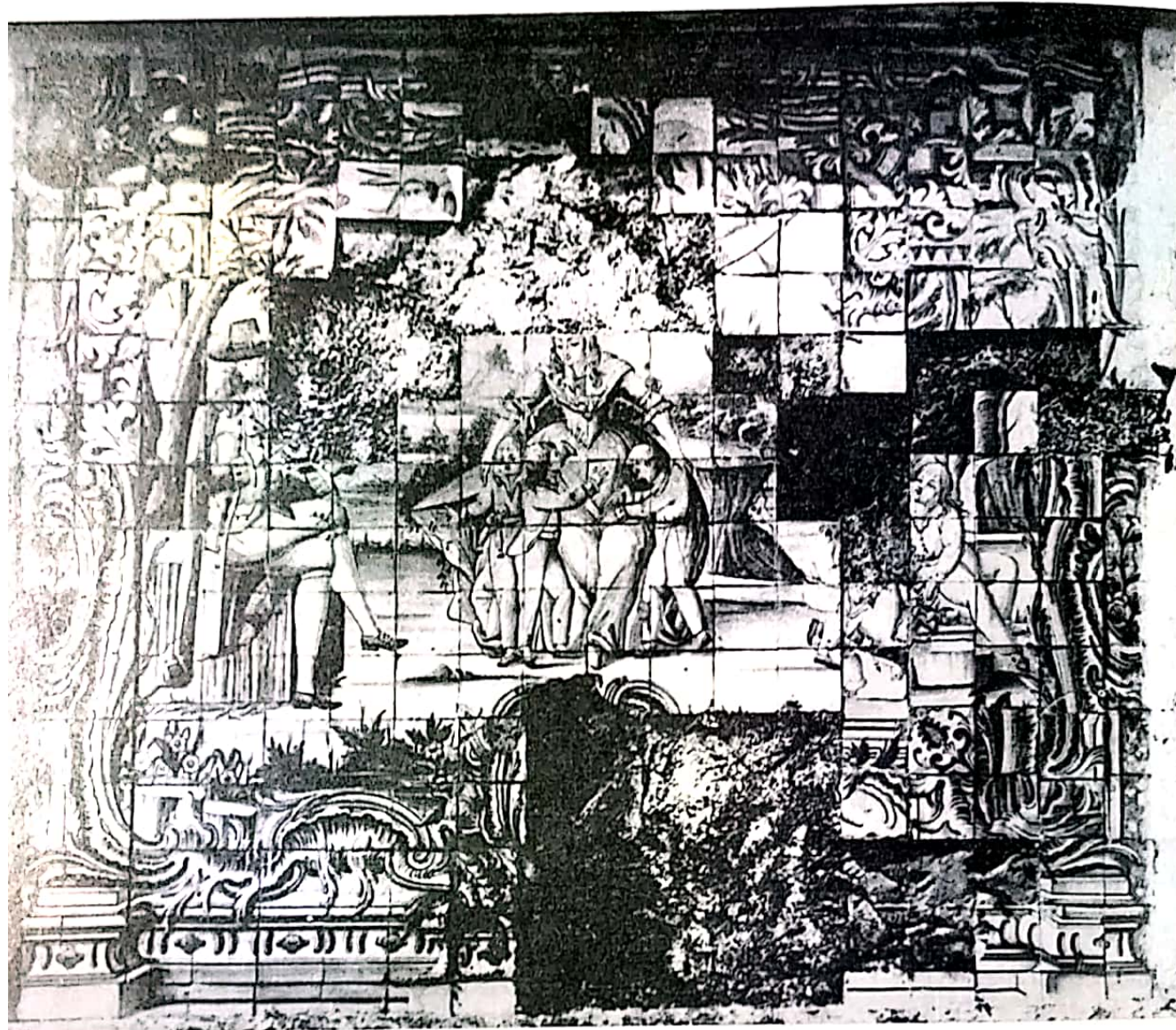
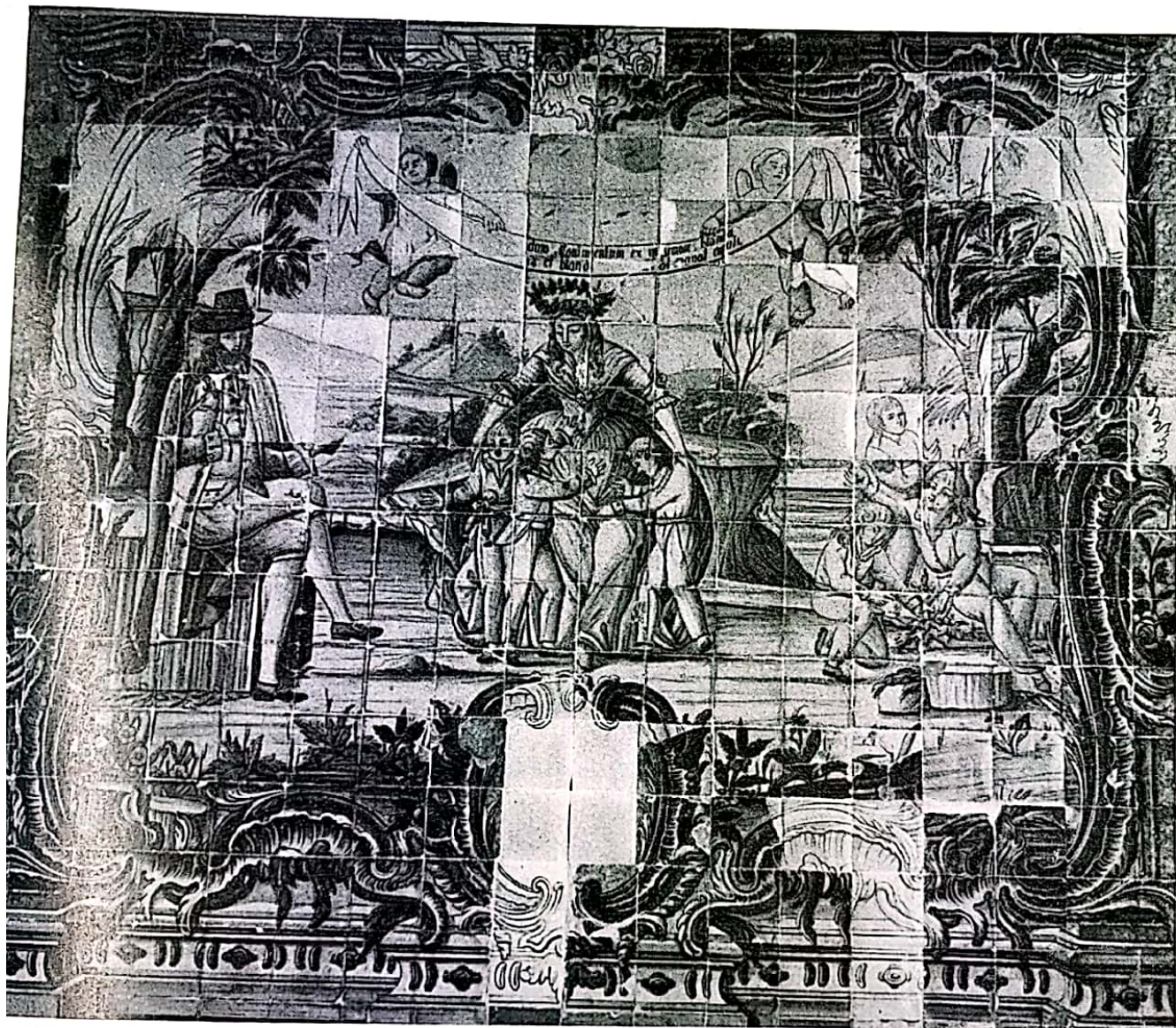
De acentuar é ainda que, em 1813, quando Tomas Ashe, no seu conhecido livro *History of the Azores*, repleto de inexactidões e de referências desprimorosas aos açorianos, advogava a ideia de a Inglaterra adquirir estas ilhas em virtude da sua grande importância, foi o dr. João Cabral um dos que em vibrante polémica sustentada nas colunas do jornal *O Investigador Português em Inglaterra*, contestou denodadamente essas ideias, revelando o seu ardente patriotismo. Escreveu também uma obra intitulada *Tábuas Histórico-genealógicas de algumas das famílias principais da Ilha Terceira*, manuscrito cujo paradeiro hoje se desconhece. A este mansucrito, porém, se refere e recorreu, para os seus trabalhos, o autor dos citados *Anais da Ilha Terceira*.

Por tudo, pois, pode afirmar-se que se trata da maior individualidade literária de Angra, se não dos Açores, da sua época.

*

* *

De nobre ascendência, o dr. João Cabral de Melo, que na ilha Terceira nasceu em 1740, faleceu nesta cidade de Angra com 84 anos, em 16 de Maio de 1824, tendo casado duas vezes: a primeira em 22-2-1778 com D. Luzia Mariana de Canto e Castro, senhora de nobre estirpe (vidé *Nobiliário da Ilha Terceira*, por Eduardo de Campos — (Carcavelos), vol. I, p. 193 — por acaso incompleto neste título dos Cabrais) e a segunda com D. Mariana Máxima. Do segundo matrimónio não se conhece descendência: do primeiro, porém, houve os seguintes filhos, todos nascidos na freguesia da Sé:

João. N. 28-12-1778, Francisco. N. 22-3-1780, Jacinto. N. 19-8-1781, Diogo. N. 2-1-1785. Luís. N. 12-8-1787, Fernando. N. 22-7-1788, Luzia. N. 7-12-1791, Sebastião. N. 30-9-1793.

O Painel das Bicas antes de restaurado

O Painel das Bicas depois de restaurado

Ferreira Drumond, nos referidos *Anais da Ilha Terceira*, indica o nome de alguns destes filhos do dr. Cabral de Melo, informando que «todos educou nos estudos e seguiram postos militares».

Ora, no alçado dum chafariz da mencionada Quinta das Bicas de Cabo Verde, mandou colocar o dr. João Cabral de Melo um painel de azulejos, de incontestável beleza, embora algo danificado pelo tempo, no qual se liam, certos hexâmetros da sua autoria, alusivos a sua mulher e filhos, ali nìtidamente representados, em rigoroso traje da época, tudo revelando também a elevação dos seus sentimentos afectivos. É uma curiosa obra de arte que voltamos a contemplar, agora restaurada, e que, pelo que tem também de evocador, desperta um vivo sentimento de admiração [2].

A talho de foice vem referir que o aludido poeta, numa das salas da sua casa da cidade, no Largo Prior do Crato, casa há pouco demolida para em seu lugar se realizarem as obras de ampliação do edifício dos C. T. T., fez gravar, em placas de mármore, vários versos por ele compostos, desconhecendo-se, porém, o destino que tais placas tiveram.

Quanto aos citados azulejos da Quinta das Bicas, oportuno é transcrever o seguinte elucidativo passo de um artigo publicado, acerca do dr. João Cabral, há mais de um século, isto é, em 1842, no jornal *O Anunciador da Terceira:*

> *«Uma fonte que mandou fazer na sua Quinta das Bicas da Terra-Chã, hoje do sr. coronel Barbosa, adornada com o seu busto e os de sua mulher e filhos com dísticos compostos por ele, e que vimos há tempo, é outro monumento que não nos deixa duvidar da ternura, sensibilidade e delicadeza do seu coração.»*

---

[2] Vide Apêndice II.

Digno de nota é também a existência, num pequeno compartimento na grande casa residencial desta propriedade, de um oratório consagrado a Santa Isabel, em cujo fundo se vê um belo e antigo retábulo representando o «milagre das rosas».

*

* *

Esta quinta, pelo falecimento do aludido dr. João Cabral de Melo, que, como referimos, tanto a embelezou, passou por compra, à posse do citado coronel Barbosa (José Francisco Alves Barbosa), natural de Lisboa, que vindo de Moçambique, onde muito se distinguiu e adquiriu fortuna, nesta cidade se estabeleceu e constituiu família; e por morte deste, em 1852, tendo sido posta em arrematação, veio pouco depois a ser encorporada no património do morgado João Pereira Forjaz Sarmento de Lacerda, vindo, finalmente, a pertencer a sua neta, D. Maria Serafina Pereira Forjaz de Lacerda Bettencourt — da antiga casa Vincular da Madre de Deus — que ali nasceu e veio a morrer, casada com o sr. Basílio Mendes Simões, o actual proprietário.

Trata-se, em suma, duma notável vivenda ligada sobretudo à história cultural da Terceira, que, no seu conjunto, a que não falta o abundante pitoresco embelezador, a par de uma riqueza arbórea de admirável vetustez, evoca aristocráticas grandezas, espirituais e mundanas, características de tempos mais amenos e galantes, que a saudade hoje envolve.

APÊNDICE I

Era no pátio fronteiro à fachada principal da Casa Nobre que foi do Dr. João Cabral de Melo — à qual não falta dignidade e equilíbrio — que se encontrava a fonte, que alimentava o bebedouro dos animais. No espaldar desta, dando para o jardim, encontrava-se o extraordinário painel de azulejos, em quadro cerâmico que tinha, primitivamente, 15 ½ × 18 azulejos (aproximadamente 2m,20 × 2m,60). Era o quadro limitado por cercadura concheada, de pintura policroma envolvendo na parte inferior a gárgula de uma bica que, com outras, deu o nome à Quinta e ao local. A parte central, embora mutilada, (fig. 1) mostrava uma deliciosa cena de família tendo como cenário um jardim: à esquerda, um cavalheiro de chapéu abado parece apontar para o grupo central onde uma senhora, de rara formosura, está em jeito de esconder três crianças; mais à direita outro grupo de três meninos colabora no «jogo das escondidas». Sobre o grupo central dois anjos seguravam uma filistera onde se poderiam ler duas linhas de um verso latino. Com os azulejos hoje disponíveis apenas se pode reconstituir.

...... duro nonimenta .... armores blanduis
...... es, et bland .... bi manet aqua

Se bem que mutilado e incompleto deste painel despreendia-se um encanto particular que logo nos convidava a inquirir da sua razão de ser. Tivemos a sorte de encontrar na pessoa do Ex.mo Senhor Dr. Joaquim Moniz de Sá Corte Real e Amaral o erudito que, com as suas elucidativas notas sobre a Quinta e seu antigo proprietário — chefe da família que o painel nos evoca — permitiu completar o estudo deste formoso exemplar [3].

[3] Vide *Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira*, Lisboa, 1963, págs. 50-52.

APÊNDICE II

Dado o precário estado de conservação do painel de azulejos, sugerimos ao seu actual proprietário, Ex.^mo Senhor Basílio Mendes Simões, a possibilidade de o mesmo ser retirado e enviado para Lisboa onde a Brigada de Estudos de Azulejaria procuraria fazê-lo restaurar para regressar ao seu local de origem. De facto os azulejos foram estudados no «Museu do Azulejo» (dependência do Museu Nacional de Arte Antiga, antigo Convento da Madre de Deus) e puderam figurar devidamente recompostos numa das salas no Museu de Angra do Herísmo, quando da realização naquela cidade da II Semana de Estudos, organizada pelo Instituto Açoriano de Cultura, em Abril de 1963.

Do trabalho de restauro encarregou-se o pintor Senhor Emílio Guerra de Oliveira, assistente da mesma Brigada, tendo a parte técnica sido gentilmente realizada na Cerâmica Viúva Lamego, de Lisboa (fig. 2).

*

Com o abandono e por acção dos elementos naturais foram-se despregando do painel alguns azulejos e, em época indeter-

minada, houve a preocupação de preencher as faltas com outros de vários tipos e proveniências, nomeadamente com azulejos de padrões policromos do séc. XVII. Mais recentemente, porém, e devido a maior cuidado por parte dos actuais proprietários, recolheram-se alguns azulejos originais com os quais se tornou possível reconstituir o painel, senão na sua totalidade, pelo menos nos seus elementos mais representativos.

Se bem que da parte do pintor dos azulejos não tenha havido preocupação de rigor na reprodução dos traços fisionómicos, é de aceitar que as figuras representam a família do Dr. João Cabral de Melo no tempo da pintura, ou seja, o anfitrião, sua primeira mulher D. Luzia Mariana de Canto e Castro e 6 dos filhos do casal, lògicamente os mais velhos. Sabendo nós que houveram 8 filhos [4] e ignorando se algum deles faleceu de tenra idade, podemos conjecturar que as 6 crianças que o pintor representou — necessàriamente conformando-se com instruções recebidas — seriam os primeiros, ou seja os 6 varões, respectivamente João (n. 1778), Francisco (n. 1780), Jacinto (n. 1781), Diogo (n. 1785), Luís (n. 1787) e Fernando (n. 1788). Na verdade observando a figuração, os 6 infantes parecem todos ser rapazes e, apesar de mediarem entre o mais velho e o mais novo 10 anos de diferença não são aparentes os graus de crescimento. Dado que, por outro lado, ainda não aparece o 7.º filho que seria a única menina do casal — Luzia (n. 1791) — podemos imaginar que o painel foi pintado muito

[4] Na primeira informação dada pelo Ex.mo Sr. Dr. Sá Corte Real e Amaral, apenas este indicava a existência de 7 filhos, respectivamente João, Francisco, Jacinto, Luís, Fernando, Maria Luzia e Sebastião. Só depois o mesmo erudito investigador encontrou prova da existência do filho Diogo o qual, cronològicamente, vem a seguir a Jacinto e antes de Luís. No texto publicado na *Azulejaria Portuguesa nos Açores e Madeira* (pág. 51) reproduz-se a primeira informação ou seja a que nos dava a existência de 7 crianças.

próximo desta data mas antes de Dezembro, mês em que nasceu a citada menina. Seria, portanto, nesse mesmo ano de 1791 que o Dr. Cabral de Melo teria dado a encomenda dos azulejos, época que coincide perfeitamente com os caracteres estilísticos e tipológicos dos azulejos.

Para além do manifesto interesse iconográfico e sentimental deste quadro ressalta o seu valor azulejístico por quanto se trata de uma das poucas representações biográficas que se conhecem na azulejaria portuguesa e ainda porque permite uma colocação no tempo, elemento de grande valor para a história evolutiva do azulejo. Não é possível, infelizmente, fazer atribuições seguras quanto à paternidade artística e oficinal deste painel, dado que na época em que foi feito — ca. 1791 — eram muitas as oficinas lisboetas que praticavam os mesmos processos técnicos e seguiam os mesmos termos estilísticos forjados na Real Fábrica do Rato, verdadeira escola e centro de irradiação de artistas e artífices cerâmicos.

J. M. DOS SANTOS SIMÕES
(Da Brigada de Estudos de Azulejaria, Conservador-Ajudante do Museu Nacional de Arte Antiga)

Lisboa, Novembro de 1963.